

OCCIDENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

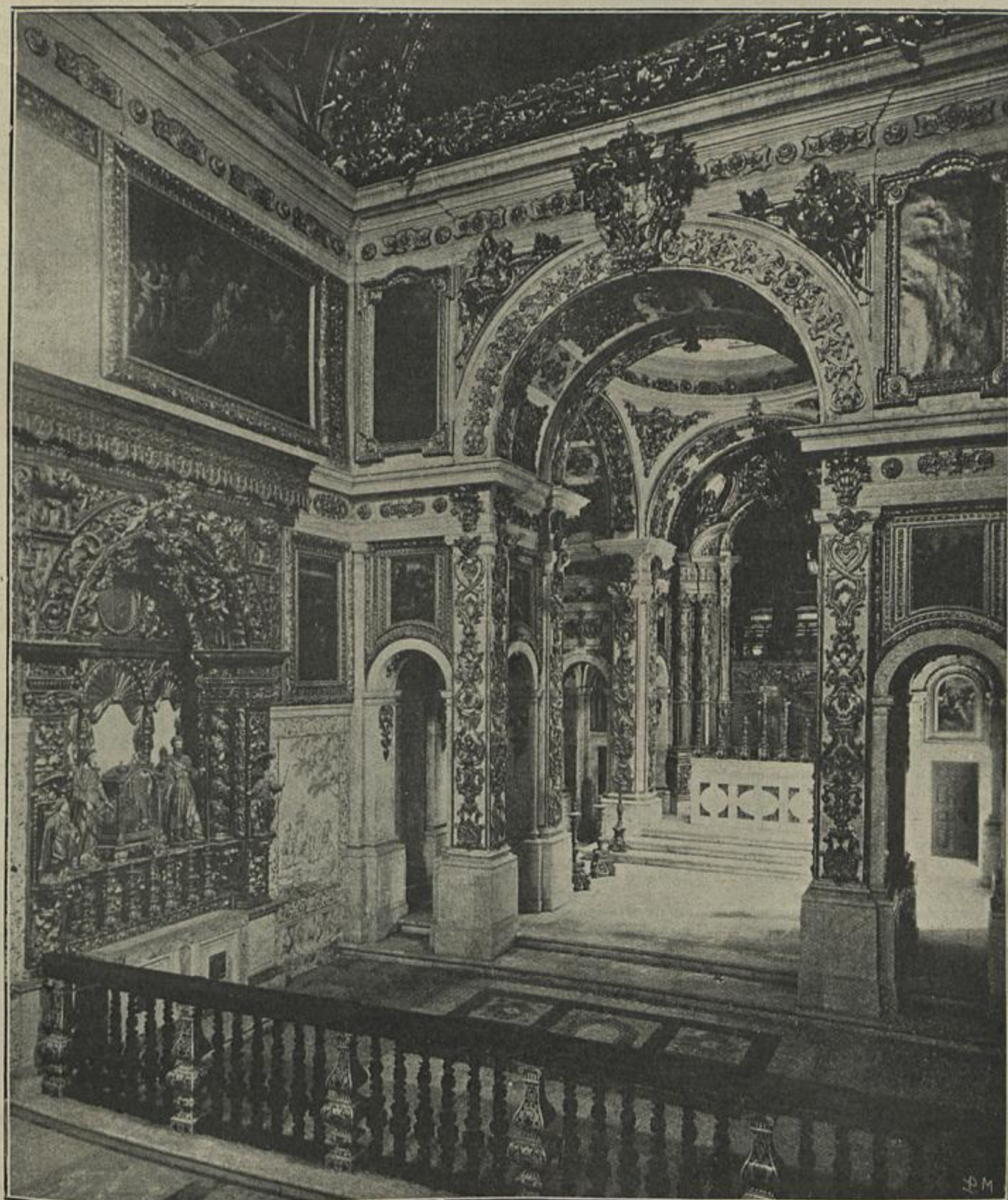
Preços de assignatura	Anno 76 n.º	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	595	120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrangeiro e India...	5\$000	2\$500	—	—

33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1117

10 de Janeiro de 1910

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.



UMA VISTA INTERIOR DA EGREJA DA MADRE DE DEUS (Cliché Benoiel)

Os temporaes e inundações em Portugal

Por nosso mal o anno de 1909, que tão tristes recordações deixava ao nosso país, não se despediu sem mais agravar essas recordações, desencadeando nos ultimos dias de dezembro uma terrível tempestade que se desenvolveu por toda a costa norte da Europa e que veio produzir seus mais horrorosos efeitos em parte da Espanha e Portugal, com cheias do Tejo e seus afluentes que inundaram as povoações ribeirinhas especialmente do Ribatejo, e maiores estragos produziram ainda no Douro e Tras-os-Montes reduzindo á miseria muitas povoações, concentrando sua maior ação destruidora no rio Douro.

Junto á cidade do Porto e Miragaia, a cheia tomou proporções de que não ha memoria, chegando a agua do rio a trsabordar e invadir as ruas da cidade baixa, entrando pelas casas em mais de tres metros de altura e a levar deante da sua impetuosa corrente tudo que encontrava, corrente da velocidade de nove milhas á hora que arrastou todas as embarcações grandes e pequenas, fundeadas no porto, para fóra da barra a despedaçarem-se nos rochedos.

Um horror de devastação em que aos enormes prejuisos materiaes se juntaram a perda de algumas vidas.

Havia trinta e tres annos que Portugal sofrera uma calamidade assim, em 1876, e ainda hoje se conserva memoria dessa desgraça, de vez em quando lembrada, quando succede algum temporal e é preciso socorrer as vitimas recorrendo ao celebre Cofre dos Inundados, fundado naquella anno pela rainha sr.^a D. Maria Pia, com os donativos que de toda a parte do país ucudiram para aquelle fim.

Foi uma grande calamidade aquella, mas que se limitou mais ao sul e ás terras marginaes do Tejo. A de agora, porém, estendeu mais a sua ação destruidora como se vê.

Estes fenomenos meteorologicos dão-se normalmente em periodos de 32 a 33 annos, como o nosso colaborador da secção metereologica demonstrou num artigo publicado em o numero 1095 desta revista, a pag. 115. O temporal agora sucedido é, pois, uma consequencia daquella lei.

A ciencia auxilia quanto póde estudando estes fenomenos e estabelecendo as leis por que se regem. Está da parte dos que governam e administram os povos providenciar quanto possivel para que estas calamidades sejam atenuadas nos seus efeitos.

Para isto só ha um meio ao alcance dos homens: é fazer obras hydraulicas nos rios que lhe facilitem as correntes, docas e abrigos para as ambarcações, não permitir a construção de casas proximas ás margens de rios nos logares mais ameaçados pela invasão das aguas, em fim tudo que previna e defenda contra estas calamidades

plés leis que prohibam as construções a que se referem, pois ha muita terra para edificar sem ser á beira de rios; a outra parte de obras a fazer só depende de dinheiro que se vá despendendo com o tempo, pois a final é com dinheiro que se acode a estes desastres, com a diferença que pouco ou nada remedeia, emquanto que despendendo o nas referidas obras utilisaria de modo mais eficaz.

Não está porém na indole da nossa gente o espirito preventivo, e esse é o peor mal, pois é, infelizmente, bem certo que só lembra St.^a Barbara quando fazem trovões.

Onde primeiro se sentiram os efeitos do temporal foi em Lisboa, e não tardou que esses efeitos se estendessem pelos arrabaldes e Tejo acima até Santarem, seguindo-se depois o Douro e Tras-os-Montes, com as grandes cheias que vinham da visinha Espanha.

Em Lisboa sofreu o sitio de Alcantara com as aguas do rio deste nome que não tinham vasante no Tejo, porque a maré enchia ao mesmo tempo. A cheia invadiu casas e arrastou quanto encontrou no caminho, chegando muitas pessoas a estarem em perigo de morrer afogadas. O Mesmo aconteceu em Loures, Póuva de Santo Adrião, Abelheira e mais povoações visinhas, estendendo-se até Braço de Prata, Cabo Ruivo, Sacavem e pelo Tejo acima em todas as terras ribeirinhas. Alemquer, Ribeira de Santarem, Vila Franca de Xira, Valada e todas as povoações marginaes do Tejo foram invadidas pelas aguas dos rios afluentes e pelas da chuva torrencial que cahiu.

Apenas aqui registamos os pontos principaes onde o temporal produziu seus maiores efeitos, de resto todos os jornaes tem trazido dia a dia noticias minuciosas, de que o leitor já terá conhecimento.

O descarrilamento do comboio *Sud-express*, que seguia para o Porto e Paris, na Póuva, deu o primeiro alarme de impedimento das vias ferreas. Felizmente neste descarrilamento não houve vitimas a lamentar. Em Setil, outro comboio ficou enterrado no meio da grande cheia obstruindo a linha, de modo que os serviços de comboios transtornaram-se completamente interceptando as communicações do sul para o norte do país.

No meio destas catastrofes, soube-se em Lisboa das grandes cheias do Douro onde os seus efeitos se tornaram ainda mais desastrosos.

De facto as aguas do rio cresceram, como não ha memoria, excedendo muito das cheias de 1820. O Douro trsabordou e de longe veio enchendo de modo que alagou toda a cidade baixa, ficando os primeiros pavimentos das casas debaixo de agua.

A força da corrente fez garrar todas as embarcações do rio, havendo mortes, principalmente no vapor *Cintra*. A corveta *Estefania*, escola de alumnos marinheiros, perdeu-se levada pela corrente, salvando-se felizmente toda a guarnição, etc. O mesmo aconteceu aos vapores alemães e ingleses *Nestor*, *Gascon*, *Douro*, *Elida*,

Sylvia, *Pikton Castle* e *Saxe* assim como aos navios de véla *America*, *Amazonas*, *Santos*, *Amaral*, *Soares da Costa*, *Vencedor*, *Garstein*, *Villa do Conde*, *Assumpção*, *Progresso*, *Bio Ave*, *Campones*, *Carlos Alberto*, *Ceylon*, *Duque de Sal-*



S. M. EL-REI D. MANUEL, EM ALMEIRIM

danza, *Novo Marquês*, *S. Julião*, *Viajante*, *Diligente*, *Mendonça 2.º*, *D. Maria*, *Atlantica*, *Marques*, na maioria portuguezes; além dos rebocadores *Mars*, *Lusitania*, *Veloç*, *Leão*, *Ligeiro*, *Lynce*, *Vitoria*, *Aguia*, *Liberal*, *Leça*, *Livio* e *Flavio*. Esta sussinta enumeração dá a medida dos enormes desastres e prejuisos causados, mas ha ainda a acrescentar os barcos do rio e barcassas, a maior parte perdidos tambem.

As aguas do Douro subiram 10 metros acima do nivel normal, chegando quasi ao taboleiro inferior da ponte D. Luis que esteve prestes a ser arrebatada pela corrente que atingiu a velocidade de mais de 20 milhas á hora.

O numero total de embarcações perdidas sobe a tresentos e cincoenta, assim como grande quantidade de habitações de ligeira construção ou já arruinadas fóram na corrente, levando as pobres mobílias de seus moradores que ficaram reduzidos á maior miseria.

De estabelecimentos de comercio e armazens de retém onde a agua entrou poz tudo a nado, e levadas pela corrente viam se pipas, caixas, fardos e outros volumes.

Para cumulo de horror, a cidade ficou ás escuras durante algumas noites, porque a agua entrou na fabrica do gaz e inutilisou as fornalhas e retortas. O mesmo aconteceu na fabrica de electricidade, o que fez parar o movimento dos carros elétricos.

Ainda se tentou iluminar as ruas com candieiros a petroleo, mas a violencia do vento e da chuva apagou a maior parte.

A impressão que a noticia desta enorme catastrophe produziu em Lisboa, foi dolorosissima, e o Chefe do Estado partiu para o Porto no domingo, 26, acompanhado pelo sr. presidente do conselho, a visitar aquella cidade e vêr com seus proprios olhos toda a ruina produzida, tratando logo o governo de providenciar com socorros tanta desgraça.

El-Rei percorreu tojos os pontos mais devastados pela cheia, e animou com a sua presença os filhos da laboriosa capital do norte digna de melhor fortuna, prometendo que o governo empregará todos os meios para remediar quanto possivel a situação em que ficou a cidade, e estudar as obras mais indispensaveis a fazer no rio para evitar futuros desastres como este.

No mesmo dia em que El-Rei seguiu para o norte, partia para o Ribatejo Sua Alteza o sr. Infante D. Affonso acompanhado pelo sr. ministro das obras publicas. Sua Alteza visitou Vila Franca de Xira e, seguiu depois Tejo acima até o Malagueiro e Valada, vendo os estragos que a cheia tinha feito, encontrando-se os campos alagados e as sementeiras perdidas. Os lavradores pediram o auxilio do governo afim de poderem fazer novas sementeiras, pedido que o sr. ministro das obras publicas declarou que seria atendido como é de justiça.

Quando El-Rei regressou do norte, tambem fei visitar as povoações do Ribatejo, chegando a



S. M. EL-REI D. MANUEL DESCENDO AO CAES DA RIBEIRA, NO PORTO

que mais ou menos se repetem em determinados periodos.

Isto que á primeira vista poderá parecer simplesm teórico, será pratico com o tempo, desde que estas calamidades não esqueçam e haja a esta prevenir suas consequencias.

Parte destas medidas preventivas são de sim-

Os temporaes e inundações em Portugal



NO PORTO, A INUNDAÇÃO NO MURO BACALHOEIRO

NO PORTO, A INUNDAÇÃO NO SITIO DA ANTIGA PONTE PENSI.
(De fotografias)



Os temporaes e inundações em Portugal



A INUNDAÇÃO NA RUA DE S. JOÃO DA RIBEIRA, NO PORTO



EM LOUSADA, O RIO MÉSIO NA PONTE DE LAGOAS
(Cliché Alfredo de Freitas)

Santarem e a Almeirim, tomando conhecimento dos grandes estragos feitos e prometendo providencias do governo, que não se fizeram esperar, pois este mandou logo para as povoações devastadas e famintas, pão e outros viveres.

O conselho de Estado reuniu sob a presidencia de El Rei, para autorisar um credito de quinhentos contos afim de acudir ás necessidades mais urgentes.

Ha muito a que acudir, pois além do que já ficou mencionado, é certo que os efeitos do grande temporal estenderam a mais terras do norte, como Viana do Castelo, Povoia de Varzim, Ponte de Lima, Braga, Barcelos, Espinho, Ponte da Barca, Amarante, Regoa, Caminha, Famalicão, Espozende, Arcos de Val-de-Vez, Louzada, enfim, em todas as terras ribeirinhas e imediações onde as aguas dos rios ou as chuvas torrencias tudo alagaram e muito destruíram.

As gravuras que hoje publicamos são quadros tristes que mostram bem os efeitos produzidos pelo terrível temporal, que ficará memorado por muitos annos, porque muitos annos serão também precisos para recuperar todos os prejuizos que causou, além dos que nelle perderam a vida e serão lembrados com saudade pelos seus.



A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1115)

O doutor riu-se d'esta graça de Peter e para o contentar atravessou o quarto, abriu um armario que estava perto da janella e tirando algum mantimento, disse:

— Nunca me lembro de comer quando trabalho nas minhas descobertas. E' um mau costume. Vamos a vêr que força tem para dispôr a ceia. Ah! ha conservas e óvos. Na cosinha encontrará leite e carne fresca. Aqui tem alguma coisa que o ajudará a expelir a neve.

E collocou sobre a mesa um respirador que Peter adaptou á bôca, encaminhando-se depois para a cosinha.

Dava-lhe gosto ter de occupar-se em alguma coisa, e nós tratamos de o ajudar.

Antes de meia hora estavam todos assentados em volta da mesa, ceando como homens que tinham almoçado havia mais de um mez.

A manhã pouco cuidado dava a marinheiros. Pelo menos aquella noite não preocupou muito a Peter nem a Seth Barker.

Estranha ceia aquella que não era facil esquecer!

Pela minha parte, sempre direi, que durante as guardas que fiz a bordo, ou nos poucos momentos que os marinheiros teem para sonhar acordados, recordo-me perfeitamente d'aquelle quarto e d'aquelle quadro da minha vida.

As grandes peças de crystal e de cobre apparecem de novo ante mim como n'essa noite sinistra. Vejo a casa do doutor americano, de feições inergicas, ainda que juvenis, e o cabello negro que lhe caia sobre a fronte.

Vejo também Peter Bligh inclinado sobre a mesa, e Dolly Venn olhando-me com estranha maneira como se quizesse persuadir-me que estava restabelecido. As mesmas sensações de duvida e incerteza me acommettem.

Como poderemos fugir da ilha? Quem nos ajudará n'estes apuros? Quem protegerá agora Ruth Bellenden? Voltará o barco? Andará sobre a agua ou estará sepultado no fundo do mar? Durará muito a época do somno e lograremos sobreviver-lhe?

Todas estas perguntas fazia a mim proprio, e na realidade a quem devia fazel-as, era aquelle homem que parecia de tanto talento e cujas experiencias indubitavelmente se en-

deressavam á solução de uma parte do problema.

— Muito obrigados lhe ficamos, doutor — disse eu — pois lhe devemos a vida. Pode ficar certo que nunca me esquecerei d'isso.

— Nunca mais me tornarei a sentar á meza, sem me lembrar o nome do doutor... doutor... agora me lembro que ainda não sei o seu nome — exclamou Peter Bligh.

O doutor sorriu-se.

— O doutor Duncan Gray, se tem muito empenho em saber. Perguntando pelo doutor Gray, de Chicago, de cada mil pessoas, haverá uma que lhes diga que elle se tem dedicado a escrever sobre venenos. Precisamente um veneno foi que me trouxe aqui, e um veneno me abrigou a alterar o rumo que levava em meu caminho; pelo menos julgo que assim será. Venenos são triumphos neste momento.

— Mau logar é este — disse eu — e parece mentira que na Europa se saiba tão pouco a seu respeito. Tenho visto bastantes vezes, nos mappas, a ilha de Ken, principalmente nos ultimos quinze annos, mas nunca ouvi falar na sua época de somno e de sol, e das mortes de que me teem falado ha poucos dias. Naturalmente o senhor está aqui para estudar esse assumpto e compenetrar-se da verdade, não? Basta vêr todos estes aparelhos que aqui estão, para saber que me não engano. E' uma grande coisa a sciencie e bastante pena tenho de que a minha educação seja tão rudimentar. Muito, muito daria esta noite para saber tanto como o senhor.

O doutor sorriu um pouco cheio de orgulho, e respondeu:

— Começo agora a comprehender quão pouco sei, e não é mau ponto de partida esse. E' possivel que na ilha de Ken aprenda alguma coisa mais. O dono d'esta ilha trouxe-me generosamente a estudar na propria universidade da natureza. Creio que comprehendendo já o motivo porque me permittiu que aqui viesse. Andou depressa, pois conseguiu que o homem que primeiro chamou a attenção da gente de Chicago sobre o principe Czerny, este já em sitio seguro, onde não poderá fazer mal ao senhor Czerny. Assim creio, capitão... capitão...

— Jasper Begg — completei, — Em outro tempo capitão do *Manhattan*, o yatch de Ruth Bellenden.

— E Peter Brigh, seu contramestre.

Seth Barker não disse nada, mas eu apresentei-o ao doutor bem como Dolly Venn.

Principiavamos, os cinco, a conhecermo-nos e a sympathisarmos uns com os outros, como succede geralmente entre companheiros de infortunio.

Apezar da situação grave em que nos encontravamos, tinhamos de comer, beber e tabaco para o cachimbo. Um marinheiro pouco mais precisa para se considerar feliz.

A verdade é que tinhamos passado uma vida deliciosa, esquecendo-nos o que nos havia succedido durante os ultimos dias.

A' meia noite, porém, uns gritos que nos chamaram a attenção, obrigou-nos a recordar o sitio em que nos encontravamos.

Devo dizer que estavam commodamente installados, porque o doutor Gray encontrára camas para todos: Dolly, no sophá; eu n'uma poltrona; Peter e Seth Barker, n'uma alcatifa junto da janella, e o doutor sobre uma maca improvisada com a porta da cosinha.

Tinhamos dado as boas noites uns aos outros e dispunhamo-nos a dormir, quando dos jardins, junto ao bungalow, partiram os gritos estranhos de que falei, gritos tão pouco humanos, que mais pareciam lamentos de seres

agonisantes, e que nos fez pôr de pé n'um instante, a escutar attentamente aquelles sons aterradores.

Nos primeiros momentos nenhum de nós se moveu, tão comovidos estavamos; mas o doutor, recobrando primeiro do que nós o sangue frio, foi direito á janella e descerrou um pouco as cortinas que a cobriam.

Então, á luz deslumbrante, á luz encantadora e maravilhosa entre dourada e azul que se coava por entre os vapores que chegavam até aos jardins do bungalow, vi um espectáculo que me gelou o sangue.

Vinte homens e mulheres, alguns d'elles europeus e outros indigenas, vestidos uns como marinheiros, outros com farrapos, estavam dançando uma dança frenetica, louca, tal como jamais a sonharam os derviches mais phantasticos, nem como a imitariam os possuidos do maior delirio.

Era uma dança macabra!

Volteando com a velocidade de um pião, estendendo os braços ou levantando-os ao céu, atirando-se de cabeça para o meio do chão com gestos selvagens, lacerando e ferindo a carne, as mulheres, um ou dois caíndo repentinamente mortos ante os nossos olhos, aquelles infelizes gritavam como doidos animaes e enchião os bosques com seus melancolicos gemidos.

Pouco mais de dez minutos durou aquelle horripilante espectáculo! Depois, um a um, homens e mulheres foram caíndo no chão, no meio das mais horriveis contorsões, sobrevivendo em seguida um enorme silencio. Das janellas a que estavam encostados, contemplavamos cheios de espanto a noite clara e fria, e pensámos então serem aquellas as avançadas da morte que haviam chegado á ilha de Ken.

Viamos, e não comprehendiamos a espantosa verdade, e assim se passaram muitos minutos, antes que qualquer de nós descerrasse os labios.

Estavamos estarecidos, petrificados pelo terror, tamanho, tamanho... como o não desejariamos a ninguem!

— E' a febre do riso — exclamou por fim o doutor, deixando cair a cortina que conservava levantada. — Já tinha ouvido falar d'ella antes de a vêr agora.

E apontando com o dedo a lampada que ardia sobre a meza:

— Três dias, meus amigos, três dias me-deiam ainda entre nós e isso.

Quando dizia isso, referia-se á febre do riso, ao que nos esperava dentro de três dias, quando se acabasse o ar respiravel n'aquella casa e tivéssemos de sair para o exterior.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.



O Tropheu de Xadrez Luzo-Britannico

I

(Discurso do General Caldeira, presidente da Direcção do Gremio Litterario)

Meus Senhores:

Exprimindo o sentir sincero da Direcção e de todos os nossos consocios, regosiosamente cumprimento V. Ex.^{ma} e faço votos para que, de futuro, estas pequenas reuniões se repitam amiudadas vezes, com o fim de mais estreitarmos as boas relações de amizade e sympathia, existentes entre os Ex.^{mas} socios do Club Inglez e os do Gremio Litterario a cujo numero me honro de pertencer.

Dou a palavra ao sr. dr. Ansúr.

N. B. — O sr. Rawes agradeceu, em breves palavras, esta saudação, depois do que o dr. Ansúr pronunciou o discurso que publicámos no numero anterior.

II

(Discurso lido pelo sr. James Rawes em resposta ao «Speech do sr. Alfredo Ansúr, proferido nas salas do Gremio Litterario na noite de 30 de dezembro de 1909.)

Meus Senhores:

Na minha dupla qualidade de decano dos socios do *Royal British Club* actualmente presentes, e de *Leader do team* que vem hoje disputar com V. Ex.^{as} a posse d'esse lindo *Tropheu de Xadrez*, cumpre-me, em primeiro logar e em nome do *Royal*, saudar a V. Ex.^{as}, e, em seguida, pedir a venia de me ser permitido manifestar o protesto do nosso mais profundo reconhecimento e gratidão pela honrosissima recepção que V. Ex.^{as} se dignaram dispensar-nos n'estas suas salas.

Cumpre-me, tambem, responder ao magnifico *Speech* do meu amigo sr. dr. Alfredo Ansúr — oração eloquente e cheia de referencias amáveis e de elogios (ainda que immedidos), para com os socios do *Royal*.

Lamento que me faltem os recursos necessarios para responder cabalmente áquella linda oração.

Em resposta não posso fazer mais do que proferir duas singelas mas sentidas palavras, as quaes são, *muitissimo obrigado*.

Meus senhores: Temos perante nós aquelle *Tropheu de Xadrez*, aquelle lindo objecto d'arte, para a posse do qual vamos, em poucos instantes, emprehender uma renhida lucta. O *Tropheu* acha se, actualmente, na posse do Gremio e aqui permanecerá, pois que não temos, no seio do *Royal*, socio algum que possa luctar com vantagem contra os eximios jogadores de xadrez que o Gremio possui.

Mas, meus senhores, ainda que convicto que sempre sahiremos d'estas batalhas vencidos, eu nutro a esperanza de que no futuro, como hoje, não faltarão socios do *Royal* promptos a cruzar armas com V. Ex.^{as}, e digo que nutro essa esperanza, porque creio que estes encontros, estas luctas amigaveis, serão um meio efficaz para promover e consolidar aquelles sentimentos de verdadeira amizade, respeito e consideração que nós, socios do *Royal*, professamos com os socios do Gremio, sentimentos estes que bem sabemos são correspondidos e retribuidos pelos nossos *confrères* do Gremio.

Meus senhores, seja-me permitido que eu aqui retribua as palavras elevadas, ainda agora proferidas pelo sr. dr. Ansúr na sua eloquentissima oração, aonde elle disse que esperava:

«Que o xadrez seja, por tempos infinitos, um hyphen luminoso, que prenda Lisboa a Londres, e o Tejo ao Tamisa — approximando, mais e mais, as duas nações aliadas, e seja qual fór o resultado das luctas, pela posse do bronze artistico, estas luctas tornem ainda mais solidos e apertados os antigos vinculos de respeito e cordeal sympathia que a nós todos nos prendem.»

Meus senhores: Sinto-me um tanto fatigado, e vou terminar. Não desejo abusar mais da paciencia de V. Ex.^{as}, tanto mais que o nosso Regulamento prescreve que ninguem deve fallar por mais do que 5 minutos, e eu desejo aproveitar o pouco tempo que me resta para, mais uma vez, saudar a V. Ex.^{as}, manifestando, ao mesmo tempo, o nosso reconhecimento e gratidão pelo honroso acolhimento que V. Ex.^{as} acabam de nos dispensar.

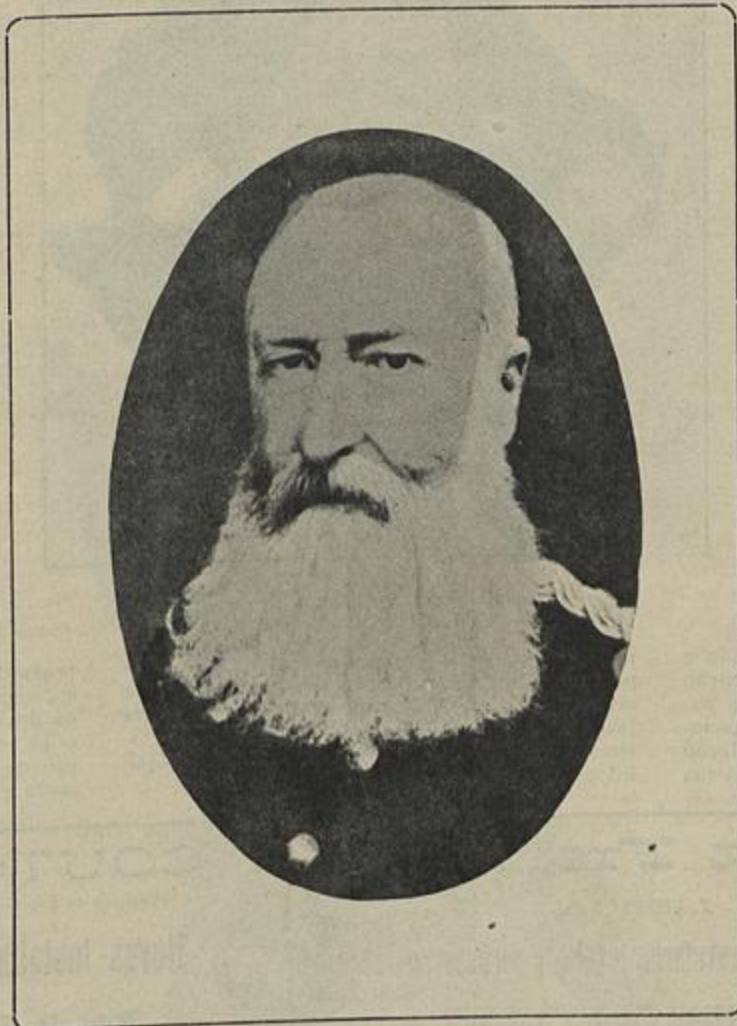
Vou pois terminar. Antes, porém, de eu retomar a minha cadeira, seja-me licito levantar um brinde, brinde que estou certissimo será recebido com enthusiasmo por todos os cavalheiros presentes — sejam elles socios do Gremio, ou do *Royal British Club*. O brinde que desejo levantar é «Prosperidade ao Gremio».

Meus senhores: Brindo á prosperidade do Gremio Litterario Portuguez!
Hip! Hip! Hurra!

N. B — Depois d'esta resposta formaram-se logo sete mezas, jogando o sr. Rawes com o sr. Pereira Machado Senior; o sr. Silley com o sr. Julio Baptista; o sr. Stanley Rawes com o sr. dr. Fragoso Tavares; o sr. Riedman com o sr. Ramel; o sr. Marsden com o sr. dr. João Maria da Costa; o sr. Mitchell com o sr. Avila da Graça; o sr. Frazer com o sr. Veiga.

O Gremio ganhou seis partidas, empatando o sr. Silley com o sr. Baptista. Ficou, por isso, o *Tropheu* na posse do Gremio.

Depois do triplo brinde, cujo texto publicámos



S. M. LEOPOLDO II, DA BELGICA

no numero anterior e foi correspondido com grande enthusiasmo e animação, separaram se os adversarios cerca da uma hora da manhã. O serviço foi profuso e a sala Luiz XV esteve sempre apinhada de espectadores.

NECROLOGIA

Rei Leopoldo II

A morte do rei da Belgica Leopoldo II, foi um dos acontecimentos de certa importancia na politica mundial com que fechou o anno de 1909.

Soberano de um estado pequeno em territorio e população, soube alargar seus dominios sem guerras que fizessem pagar caro o seu engrandecimento.

E' que o rei Leopoldo II foi muito mais um homem de negocios do que um generalissimo com seu exercito aguerrido. Entretanto, isso não impediu que em 1870 a Belgica mantivesse perfeita neutralidade, entalada entre a França e a Alemanha que se batiam na celebre guerra franco-prussiana. Essa neutralidade, mau grado do canceler de ferro, não a manteve por simples palavras, mas com um exercito armado e pronto a fazel-a respeitar.

O falecido rei da Belgica, filho de Leopoldo I e neto materno de Luiz Filipe de França, subiu ao trono por morte de seu pae, em 1865, pelo que era, depois do imperador Francisco Jose, d'Austria, o soberano mais antigo da Europa.

Foi um rei liberal que conseguiu fazer-se amar do seu povo, e trabalhou por engrandecer o seu país, sem descurar os seus negocios proprios de financeiro de primeira ordem.

A criação do Estado Livre do Congo foi para o rei Leopoldo uma operação financeira feliz.

Em 1876, na Conferencia Geografica Internacional de Bruxellas, o rei Leopoldo propoz uma viagem de exploração á Africa Central, a qual se realisou e teve depois o resultado na conferencia de Berlim, que lhe reconheceu a constituição do Estado Independente do Congo.

Os capitaes que o rei Leopoldo empregou na exploração do seu novo Estado, tiveram larga compensação para o seu bolso, desde que o governo da Belgica propoz e as camaras aprovaram a definitiva anexação daquelle Estado, recebendo o rei Leopoldo pela cedencia dos seus direitos alguns milhões de francos.

A Belgica alargou deste modo seus dominios, que o rei Leopoldo lhe preparou, valendo-se da sua influencia de soberano na conferencia de Berlim, mas por fim a nação pagou esses dominios, bem se podendo dizer que o rei Leopoldo fez um bom negocio.

E os negocios fêram sua maior preocupação, já nos jogos de bolsa, já com as minas de ouro do Transvaal, tendo empregado grandes somas na exploração das minas de Johannesburg. Esta especulação, porém, não lhe sahiu favoravel, porque o governo do Transvaal resolveu lançar grandes impostos sobre as empresas estrangeiras que exploravam aquellas minas, e o rei Leopoldo vendo depreciados os lucros que esperava, apressou se em vender a parte que tinha, no que perdeu consideravelmente.

Não obstante este desfalque, a fortuna de Leopoldo II era das maiores de soberanos da Europa. Ultimamente organisou uma empresa, *Companhia predial, industrial e commercial para conservação e embelezamento das Cidades*, entrando com a sua parte, constituída de todos os seus predios de Bruxellas e de fóra, e mais o produto da venda da sua galeria de Arte, o que tudo fórma importante capital.

Quer-se attribuir esta ultima especulação do soberano financeiro, ao desejo que elle tinha de simplificar os processos judiciaes de inventarios, etc., que se seguiriam á sua morte. Entretanto, tambem se afirma que o fim daquelle operação,

era o dispôr mais livremente de seus bens em prejuizo de sua filha a princesa Estefania, com quem se pozera de mal desde que ella contraíu segundo matrimonio com o conde de Louvay, contra a vontade paterna, por não ser o noivo de estirpe real.

O escandalo deste casamento foi bem falado em tempos, assim como o do rei Leopoldo não permittir que a princesa Estefania deposesse um beijo na frente de sua mãe quando esta morreu.

Leopoldo II nunca perdoou a sua filha a desobediencia á vontade paterna, intransigente nos seus direitos de pae e ainda mais nos preconceitos da estirpe.

Comtudo, Leopoldo II foi considerado no seu país um rei democrata, e como tal estimadissimo do povo, com o qual convivia, sobretudo com artistas e industriaes, que para elle as artes e as industrias tambem lhe mereceram seus particulares cuidados, conseguindo que o seu país se engrandecesse pelo trabalho, que é hoje a vida e riqueza das nacionalidades.

O rei Leopoldo contava 74 annos de idade, nascera em 1835. Sofria ha já algum tempo de doença intestinal, que ultimamente se agravára, vindo a falecer no dia 17 de dezembro, depois de uma operação que por algumas horas dera esperanças de triunfar do mal.

A morte do rei Leopoldo II determina a subida de seu sobrinho o principe Alberto, ao trono da Belgica, de que nos occuparemos em um dos proximos numeros desta revista.

Real Teatro de S. Carlos

Luigi Nicoletti Kormann

E' um distintissimo artista, que, depois de ter cantado com assinalado successo nas principaes cenas liricas da Europa e da America, inclusivé no Teatro Scala, de Milão, sob a prestigiosa direcção de Toscanini, hoje considerado o mais notavel regente de orquestra em Italia, o publico de S. Carlos vae ter occasião de aplaudir, não só pela linda voz de *baixo* que possui, mas tambem pela magnifica escola em que a educou. Pena é que nesta época não se faça ouvir nas suas operas prediletas, como são o *D. Carlos*, a *Lucrecia Borgia*, etc.

Publicamos hoje o seu retrato, satisfazendo assim a natural curiosidade dos habitués dos espéctaculos liricos.



PUBLICAÇÕES

A Patuleia — *Catalogo dos documentos que pertenceram a José da Silva Passos e que foram offerecidos á Real Bibliotheca Publica Municipal do Porto por D. Anna Luiza Rodrigues de Freitas.* Porto, MCMX. Um volume in folio de 600 paginas, além de indece, frontespicio e explicação.

As palavras explicativas que precedem este catalogo, relatam a natureza dos documentos, e de como elles entraram na posse da Real Bibliotheca Publica Municipal do Porto.

«Os documentos que n'este catalogo se mencionam ficaram em poder de José da Silva Passos, vice-presidente da Junta Provisoria do Governo Supremo do Reino, depois de dominada a Revolução de outubro de 1846 pela intervenção das tropas estrangeiras. Esse illustre homem publico, que tomou parte activa na politica nacional, guardou-os decerto como uma recordação dos seus dias combativos. Annos depois da sua

Real Theatro de S. Carlos



O BAIXO LUIGI NICOLETTI KORMANN

morte, sua viuva legou-os ao insigne publicista portuense Rodrigues de Freitas, que fôra sincero admirador do grande morto, e que tencionava fazer um largo estudo sobre a figura de José Passos e implicitamente sobre os acontecimentos politicos da época.

A morte veiu no entanto malograr a sua generosa ambição. Os papeis respeitantes a actividade administrativa da Junta ficaram, afinal, de posse da ex.^{ma} sr.^a D. Anna Luiza Rodrigues de Freitas, viuva do inolvidavel portuense, que por largo tempo os reteve piedozamente, como homenagem amoravel á memoria de seu marido. Um dia, porém, decidiu oferecel-os á Real Bibliotheca Publica Municipal do Porto, sob a condição expressa de serem catalogados em tomo especial e dando-se o catalogo á publicidade no dia do anniversario do nascimento ou da morte de Rodrigues de Freitas.

Aceitou a Bibliotheca Municipal a oferta com o encargo, por indicação do bibliotecario, que era então o malogrado publicista Rocha Peixoto, e desde logo os conservadores, Oliveira Alvarenga e João Grave, se encarregaram de coordenar os manuscritos e varios outros impressos da mesma proveniencia. A morte colheu Oliveira Alvarenga no meio do seu trabalho, comtudo deixou delineado o plano e iniciou o resumo dos primeiros documentos, auxiliado pelo sr. João Gonçalves de Sousa, amanuense da Bibliotheca. Por fim tomou conta da tarefa o conservador, sr. João Grave, que seguindo o plano traçado, concluiu a obra para a impressão, vindo o catalogo a publicar-se em 27 de julho do anno passado, anniversario da morte de Rodrigues de Freitas.

E' escusado encarecer a importancia deste trabalho, e basta dizer que nos pareceu feito com bom criterio o resumo dos documentos, cuja consulta é da maior importancia para o estudo de um dos periodos mais agitados da nacionalidade portugueza.

Calendarios Ilustrados para 1910—

Recebemos um lindo calendario illustrado da *Fabrica de Bolachas da Pampulha de Eduarde Costa, successor*, o qual não desmerece dos publicados por esta acreditada casa nos mais annos, e que formam uma interessante coleção de quadros historicos. O deste anno representa a execução de Gomes Freire.

E. Santos & Freire

LISBOA



Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

Roupas brancas para homens, senhoras e creanças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos, baptisados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de commissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22

Deposito das afamadas rendas de Peniche

A COUTO, Alfayate

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Novas Installações d'este Atelier



Rua da Emenda, 118, 1.º

Esquina da Rua do Loreto (á Praça Luiz de Camões)—LISBOA
TELEPHONE 1815

Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dor

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA

Collegio Francês

Instituto primario e secundario

Auctorizado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorizados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviem-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)